

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de Londrina Class.: Kaingang PR / A1 223

Data: 12/10/93 Pg.: Apucarana

Destilaria do MS

Acidente mata índio de Apucarantina

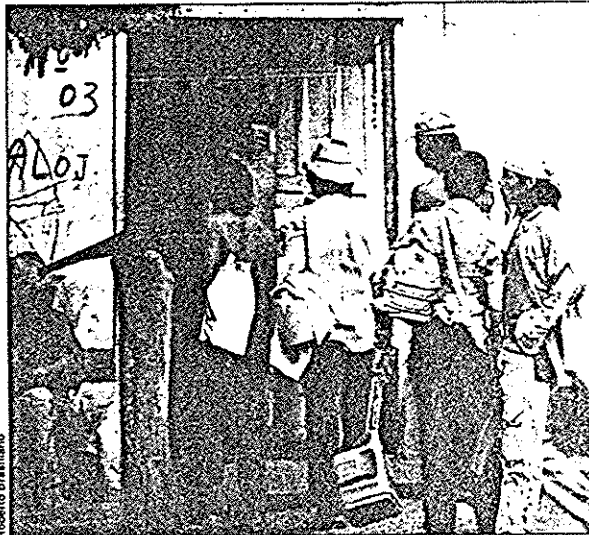
A morte aconteceu no dia 2 em Brasilândia (MS) e a destilaria e a Funai não comunicaram o acidente

Luiz Taques

Londrina O kaingang Getúlio Manoel de Olinda, 25 anos, da reserva Apucarantina (no Norte do Estado) morreu atropelado no último dia 2 quando trabalhava na Destilaria de Alcool Brasilândia - Debrasa - localizada em Brasilândia (MS), a 400 quilômetros de Londrina. Getúlio (que deixou três filhos) dormia ao lado do acampamento dos índios no momento do acidente.

A morte foi comunicada ontem à Folha pelo deputado estadual Florisvaldo Fier (PT/PR) e confirmada pela assistente social da Funai, Evelise Viveiros Machado. Segundo ela, "a empresa vai indenizar a família do índio". A Funai, durante a semana passada, não tinha informado a imprensa sobre o acidente de trabalho que resultou na morte de Getúlio.

Na Debrasa, Getúlio de Olinda exercia a função de "cabecante", uma espécie de "gato" (agenciador de mão-de-obra). Como todos os índios do Paraná que vão trabalhar no corte da cana na destilaria, Getúlio também não tinha a sua carteira assinada. No mês pas-



O índio morreu quando dormia ao lado do acampamento da Destilaria da Debrasa

sado, o Ministério do Trabalho multou a empresa em mais de CRS 30 milhões por manter seus funcionários em regime de semi-escravidão e determinou que a Debrasa registrasse em carteira os 1.300 índios. O deputado do PT disse ontem que

pediu enérgicas providências ao Ministério Público.

O Ministério do Trabalho descobriu índios entre 10 e 16 anos trabalhando das seis da tarde às seis da manhã, o que é proibido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

No dia 2 de maio, a Folha denunciou que os índios cumpriam jornadas diárias de até 12 horas, não tinham registro em carteira, trabalhavam praticamente em troca de comida e dormiam em alojamentos que mais pareciam pocilgas.

Em julho, a Administração Regional da Funai em Londrina mandou um advogado, uma assistente social e um técnico agrícola para investigar a denúncia feita pelo Jornal. A comissão se limitou a fazer uma série de reivindicações à Debrasa. Na fiscalização, o Ministério do Trabalho constatou também que a destilaria cobrava dos kaingangs o banho de rio que passa ao lado do alojamento onde morreu Getúlio de Olinda, e até o jogo de bola num campinho de futebol.

"São degradantes as condições de higiene, saúde e segurança dos índios na empresa" - denunciou dias atrás o delegado do Trabalho do Mato Grosso do Sul, Orlando Costa Marques, um dos participantes da fiscalização em setembro. A Debrasa pertence a José Pessoa Queiroz Bisneto, primo de Teresa, mulher de Pedro Collor.